

27 e 28 de setembro - 2020

9-10 de Tishrei - 5781



Por: Rabino Sergio Bergman

De Kaparot a Selichot

Iom Kipur é literalmente o dia da expiação. Desde a destruição do Templo de Jerusalém, foram eliminadas não apenas as castas do povo de Israel - já não temos sacerdotes - como também os sacrifícios foram extintos. Hoje, cada um de nós é um sacerdote no povo de Israel: somos responsáveis pelo mais sagrado templo, que é o nosso próprio corpo - mikdash meat - no qual habita a nossa alma em nosso hálito vital. Hoje, em vez de sacrifícios, oferecemos nossas orações, nossa meditação, nossa devoção, nosso estudo, nosso jejum e a nossa reflexão como Avodá Shebalev, oferta do coração. Não temos mais expiação.

O ritual descrito na Mishná em Iomá é claro e preciso. No dia mais sagrado do ano, o sumo-sacerdote colocava suas mãos sobre um dos dois bodes que haviam sido sorteados na manhã de Kipur, um para o sacrifício e o outro para a expiação. Zeir LaHazazel, o bode expiatório. Assim que o sumo-sacerdote, diante de todo o povo, se assegurava de que o bode expiatório tivesse sido lançado ao precipício da esplanada exterior do sagrado templo, perdendo-se

pelo deserto da Judeia, dava-se por concluída a Avodá - a oferta expiatória que cumpria com essa função. Nossos pecados estavam expiados, o povo havia sido purificado de todos os seus pecados através do ritual de Iom Hakipurim, o dia da expiação.

Em nossos dias, não há expiação possível. Migramos das kaparot, das ações rituais de expiação em um animal, para elevar-nos na reconciliação, a reparação, o arrependimento e uma profunda reflexão sobre o valor do perdão.

**De Kipur a Selichot,
de expiar a perdoar,
dá-se um salto evolutivo
na vida espiritual
da nossa tradição.**

Não se trata de uma evolução histórica, mas espiritual, já que mesmo em nossos dias existem aqueles que querem, através do ritual, expiar, liberar-se, deixar aos cuidados

da forma aquilo que deve ser feito no conteúdo. Ou seja, usar a religião como uma superstição, ou submeter-se ao dia de jejum e oração esperando uma mágica recompensa ou liberação da responsabilidade pelo que fez e pelo desprendimento das ações realizadas no ano que termina, para iniciar um novo ano limpos e puros.



O valor do perdão não é o esquecimento ou a admissão da impunidade, mas é a memória e a recordação de tudo aquilo que se fez e que não se apaga, mas que pode ser curado, cicatrizado, reparado, pode-se transformar o erro em aprendizagem para nossa própria evolução em cada novo ciclo, sem a pretensão de sermos perfeitos em nossas ações, mas sim, responsáveis; e responder em Teshuvá pelo que realizamos. O perdão como um valor é um ato amoroso de desintoxicação, para poder assumir que a liberdade que nós celebramos tem a ver com a responsabilidade que assumimos.



Celebremos então por termos deixado a expiação para afirmar a elevação espiritual do perdão. Apenas quem é valente e tem coragem é capaz de perdoar e ser perdoado. Assumimos que somos livres para atuar, mas não o somos das consequências das nossas escolhas e ações. A liberdade com que fomos dotados por dádiva é justamente o que celebramos em Rosh Hashaná. Celebramos a criação do mundo - Iom Harat Haolam - e nele, a humanidade, nas figuras de Adão e Eva. Essa liberdade nos faz escolher e poder exercitar aquilo que devemos agradecer a Eva, por nos guiar a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.



Em Rosh Hashaná fomos criados e, por isso, somos criaturas livres e criativas, no discernimento. Devemos não apenas exercitar a liberdade, mas a responsabilidade entre o bem e o mal. Se não fôssemos livres, não poderíamos escolher, e sem escolhas, não há a possibilidade de cair no erro. Nossa tradição não vê os erros como pecados, para nos carregar com a culpa, mas atos de vida para aprendermos a ser responsáveis e responder pelas ações como uma experiência de aprendizagem. Se fazemos o bem, celebramos sua bênção; se fazemos o mal, assumimos a reparação no reconhecimento, no arrependimento e no perdão. Dessa forma, se inscreve o ciclo anual das estações da consciência. E assim como a natureza, é preciso que morra a onipotência para que renasça a humildade, que é nutrida pelo valor do perdão.

Que neste Kipur possamos afirmar o valor do perdão como um ato de misericórdia e amor, que não apenas pedimos ao céu, mas também a nós mesmos, para que possamos renascer em um ano novo, conscientes de que os nossos erros nos fazem humanos, e que o valor de perdoar e de nos perdoarmos nos faz imagem e semelhança do divino.

RABINO SERGIO BERGMAN

PRESIDENTE DA WUPJ - WORLD UNION FOR PROGRESSIVE JUDAISM